

Faleceu em Petrópolis, aos 90 anos

Última homenagem a Tristão de Athayde

RIO — Até breve, querido irmão. Na voz embargada do jurista Sobral Pinto, 89 anos, à beira da sepultura de Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde, um pouco da emoção que foi sentida durante todo o dia de ontem, pelas dezenas de amigos e pelos parentes que foram levar um último adeus ao pensador falecido na noite de domingo em Petrópolis, aos 90 anos. Tanto o Mosteiro de São Bento, como o Cemitério São João Batista (locais do velório, missa de corpo presente e do enterro), prevaleceu uma aparente tranqüilidade, talvez pelo estado avançado da doença que fazia sofrer Tristão (câncer na próstata).

E, em meio a representantes de correntes de pensamento, no mínimo opostas, estava um pouco do arauto da convivência entre os contrários — como o definiu Austregésilo de Athayde, ou do grande democrata — como o qualificaram quase todos os que compareceram à despedida de Tristão. Estavam lá o ex-secretário do Partido Comunista Brasileiro, Luis Carlos Prestes, o deputado Magalhães Pinto, o governador Franco Montoro, o acadêmico e ex-ministro do Exército Lyra Tavares, o ex-ministro Eduardo Portella (da Educação), d. Paulo Evaristo Arns, cardeal e arcebispo de São Paulo, ex-governador de Minas Gerais, Francelino Pereira, governador do Rio, Leonel Brizola, ex-senador gaúcho Paulo Brossard.

Ao final da tarde, o ataúde que transportava o corpo de Alceu foi colocado na sepultura 441-F (o jazigo da família, já que Amoroso, em vida, recusou o mausoléu da Academia Brasileira de Letras, preferindo ficar ao lado da mulher, Maria Tereza, também falecida) e, em silêncio, os amigos e parentes deixaram o cemitério, onde a cerimônia foi quase íntima, pelo número limitado de presenças.

Às 15:45h, os 27 sacerdotes e monges que viriam celebrar a missa de corpo presente (entre eles d. Paulo Evaristo Arns e

o abade do Mosteiro, Inácio Accioly), dirigiram-se para para o altar da igreja, onde começou o culto. O sermão — longo, profundo e sentido — foi feito por d. Marcos Barbosa; a esta altura, o governador do Rio, Leonel Brizola, já estava no Mosteiro, onde elogiou a pessoa de Alceu Amoroso Lima. Foi sem dúvida, um grande pensador brasileiro, disse.

Terminada a missa, o caixão foi levado para a Kombi da Santa Casa de Misericórdia, saindo pelo centro do Rio em direção a Botafogo, onde um grupo de amigos aguardava o cortejo.

Chegando ao cemitério, o caixão logo seguiu para a quadra 441, seguido pelas quase 150 pessoas, todas parecendo muito emocionadas. Os familiares deixavam escapar algumas lágrimas, assim como os amigos mais próximos, como Sobral Pinto. Acompanhavam a procissão o poeta Carlos Drummond de Andrade além do grupo formado por Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Oto Lara Resende e Hélio Pellegrino, que tinham chegado juntos, para a última homenagem a Tristão.

Quando o caixão chegou ao jazigo, já passava das 18h, e a noite tinha caído. Sob as luzes das câmeras de televisão, e de um ou outro flash fotográfico, disseram as últimas palavras a Alceu de Amoroso Lima o irmão Sobral Pinto, Cândido Mendes de Almeida, Antonio Carlos Villaça, e o vice-governador Darcy Ribeiro, em nome do governo e do povo do Rio.

Ele teve uma grande cabeça, uma grande capacidade para pensar, mas teve principalmente, a coragem para pensar. Ele teve um grande coração, mas mais do que isto, teve a coragem para sentir. Sempre em busca da verdade, da beleza, da fé, disse Darcy. Alguns parentes choravam muito, e relutaram em sair de perto de Tristão, mesmo estando ele morto, mesmo com o caixão sob a terra, mesmo com a noite tomando conta do Botafogo.

"Correio Popular" 16-VIII-1983

Imp. 2.3.536